

Ensino de História e a Imprensa: diálogos possíveis para o uso de jornais impressos na reflexão sócio-histórica e cultural em sala de aula

Teaching History and the Press: possible dialogues for the use of printed newspapers in socio-historical and cultural reflection in the classroom

Rodrigo Luis dos Santos¹

Resumo: Visamos neste artigo trazer algumas reflexões sobre a utilização da imprensa no campo da pesquisa histórica e, principalmente, em sala de aula. Nosso enfoque será sobre o uso dos jornais impressos, explicitando sua importância enquanto produto cultural, resultado do meio social no qual está inserido, mas também como agente modulador de padrões culturais e sociais, exercendo um papel ativo na sociedade. Com isso, por serem expressão materializada de intenções, objetivos, ideologias, afinidades e aversões, seja por parte de indivíduos ou de grupos, se constituem em fonte valiosa para compreensão do mundo, tanto no passado quanto no tempo presente. Além de análises do campo conceitual e teórico, também apontaremos para caminhos possíveis metodologicamente para a aplicação e utilização dos jornais na área do ensino da disciplina histórica.

Palavras-chave: Educação; Jornais; Metodologia.

Abstract: We aim in this article to bring some reflections about the use of the press in the field of historical research and, mainly, in the classroom. Our focus will be on the use of printed newspapers, explaining their importance as a cultural product, a result of the social environment in which they are inserted, but also as a modulating agent of cultural and social patterns, playing an active role in society. By being a materialized expression of intentions, goals, ideologies, affinities and aversions, whether by individuals or groups, they constitute a valuable source for understanding the world,

¹Doutorando em História (bolsista PROSUC/CAPES) pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Possui mestrado em História (bolsista FAPERGS/CAPES) (2016) e graduação em Licenciatura Plena em História (2013) pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Foi docente dos Cursos de Graduação em Licenciatura em História, Geografia e Pedagogia do Instituto Superior de Educação Ivoti (ISEI), além de ser membro da Equipe Editorial da Revista Acadêmica *Licencia&acturas* (2016-2018). É membro e atual presidente (Gestões 2015-2017 e 2017-2019) da Associação Nacional de Pesquisadores da História das Comunidades Teuto-Brasileiras (ANPHCTB) e sócio da Associação Nacional de História - Seção Rio Grande do Sul (ANPUH-RS), onde integra o Conselho Fiscal (Gestão 2018-2020) e atua como vice-coordenador do Grupo de Trabalho (GT) Estudos Étnicos e Migrações (Coordenação 2017-2019). É membro da Equipe Editorial da Revista *Sillogés*, vinculada ao GT *Acervos: História, Memória e Patrimônio* da ANPUH-RS, assim como da Revista *Latino-Americana de História*, periódico discente do Programa de Pós-graduação em História da UNISINOS. Associado e membro da Diretoria (Tesoureiro/Gestão 2018-2020) do Instituto Histórico de São Leopoldo (IHSL). Email: rluis.historia@gmail.com

both past and present. Besides analyzing the conceptual and theoretical field, we will also point to possible ways methodologically for the application and use of newspapers in the area of teaching of the historical discipline.

Keywords: Education; Newspapers; Methodology.

Introdução

A imprensa é a vista da nação. Por ela é que a nação acompanha o que lhe passa por perto e ao longe, enxerga o que lhe malfazem, devassa o que lhe ocultam e tramam, colhe o que sonegam ou roubam, percebe onde lhe alvejam ou nodoam, mede o que lhe cerceiam ou destroem, vela pelo que lhe interessa, e se acautela do que a ameaça (BARBOSA, 1957, p 15).

Rui Barbosa (1849-1923), célebre baiano, que atuou como advogado, jurista, político e diplomata, também exerceu a função de jornalista. Escrevera artigos para jornais como *Diário da Bahia* e *Jornal do Commercio*. Deste modo, além de defender a imprensa de uma forma mais ampla, também defendia a si mesmo e a oportunidade de manifestar seus pontos de vista por meio dos artigos que produzia.

A escolha deste discurso de Rui Barbosa não foi aleatória. Ela evidencia um dos aspectos significativos da imprensa: a existência de uma intencionalidade no seu processo de produção, ancorada na realidade social na qual está imersa. Em decorrência disso, desse papel de construção humana largamente visível, a imprensa constitui uma valiosa fonte de compreensão das sociedades no tempo e no espaço. Os jornais impressos, de modo especial, são significativos documentos que guardam em suas linhas resíduos do passado e do presente. Nesta perspectiva, ele se enquadra nas definições conceituais de André Cellard sobre as fontes escritas, quando assevera que

[...] o documento escrito constitui uma fonte extremamente preciosa para todo pesquisador nas ciências sociais. Ele é, evidentemente, insubstituível em qualquer reconstituição referente a um passado relativamente distante, pois não é raro que ele represente a quase totalidade dos vestígios da atividade humana em determinadas épocas. Além disso, muito frequentemente, ele permanece como o único testemunho de atividades particulares ocorridas num passado recente (CELLARD, 2008, p. 295).

A imprensa se configura em um dos mais importantes produtos culturais humanos. Fruto da modernidade, a imprensa, em seus diferentes formatos, está perpetuada diretamente com a chamada *indústria cultural*, que pode ser conceituada como

[...] a produção e disseminação de produtos culturais para consumo em massa, ou seja, o consumo de um grande número de pessoas em diferentes lugares, independentemente das particularidades culturais. Tal produção é realizada em geral pelos meios de comunicação e está interligada à atividade industrial propriamente dita. Jornais, revistas periódicas, programas de TV, livros, revistas em quadrinhos, músicas, filmes são exemplos de produtos culturais que passaram a fazer parte da sociedade de consumo (...) (SILVA; SILVA, 2005, p. 225-226).

Seja em seu suporte mais comum, o formato impresso, seja através de meios de comunicação e das plataformas digitais, ela é a principal responsável pela difusão de informações. Mas a imprensa tem um papel que vai além deste. Ela representa, de forma prática, o processo de catalisação e estruturação de ideias, objetivos, ideologias e intencionalidades daqueles que a operacionam. Deste modo, a imprensa traz, em seu escopo, de forma mais clara ou subjetiva, um reflexo do que pensam e querem determinadas pessoas ou grupos, transplantando esses elementos para a sociedade através da transmissão de conteúdos.

Neste artigo, no dedicaremos a análise dos jornais impressos e sua utilização em sala de aula, tanto no campo da pesquisa quanto da reflexão crítica, apontando para possibilidades e formas de uso, tentando auxiliar docentes e estudantes na compreensão da riqueza presente neste tipo de material.

A imprensa como fonte de pesquisa histórica

A imprensa oferece amplas possibilidades para isso. A vida cotidiana nela registrada em seus múltiplos aspectos, permite compreender como viveram nossos antepassados – não só os “ilustres” mas também os sujeitos anônimos. O Jornal, como afirma Wilhelm Bauer, é uma verdadeira mina de conhecimento: fonte de sua própria história e das situações mais diversas; meio de expressão de ideias e depósito de cultura. Nele encontramos dados sobre a sociedade, seus usos e costumes, informes sobre questões econômicas e políticas (CAPELATO, 1988, p. 21).

No campo da História, mais especificamente no que se refere à pesquisa, o uso da imprensa tem ganhado um destaque maior a partir da renovação historiográfica advinda das proposições da *Nouvelle Histoire* (Nova História), vinculada com a chamada *Terceira Geração* da *Escola dos Annales*, onde destacam-se historiadores como Jacques Le Goff, Georges Duby, Emmanuel Le Roy Ladurie, entre outros. Esse grupo de historiadores, especialmente a partir da década de 1970, passou a propor o uso de novas abordagens, problemas e objetos, para maior compreensão da história humana. Conforme Peter Burke (1992, p. 14) “se os historiadores estão mais preocupados do que seus antecessores com uma maior variedade de atividades humanas, devem examinar uma variedade maior de evidências”. Com isso, abriu-se espaço mais profícuo para trocas interdisciplinares e uma ampliação daquilo que se considera documento histórico. Não se deve perder de vista a necessidade de, assim como qualquer outra fonte, permear a apreciação crítica com o processo de compreensão da historicização da imprensa ao longo do tempo, desde sua difusão, a partir da *revolução* promovida pela modernização gráfica de Johannes Gutenberg. Para Heloisa Cruz e Maria Peixoto,

[...] questão central é a de enfrentar a reflexão sobre a historicidade da Imprensa, problematizando suas articulações ao movimento geral, mas também a cada uma das conjunturas específicas do longo processo de constituição, de construção, consolidação e reinvenção do poder burguês nas sociedades modernas, e das lutas por hegemonia nos muitos e diferentes momentos históricos do capitalismo. Pensar a imprensa com esta perspectiva implica, em primeiro lugar, tomá-la como uma força ativa da história do capitalismo e não como mero depositário de acontecimentos nos diversos processos e conjunturas. Como indica Darnton, é preciso pensar sua inserção histórica enquanto força ativa da vida moderna, muito mais ingrediente do processo do que registro dos acontecimentos, atuando na constituição de nossos modos de vida, perspectivas e consciência histórica (CRUZ; PEIXOTO, 2007, p. 257).

Sobre a imprensa, Maria Helena Capelato (1988, p. 13) afirma que ela “possibilita ao historiador acompanhar o percurso dos homens através dos tempos”. Para os historiadores, não apenas o passado pode ser percebido através da imprensa, mas o presente também, tendo em vista que o meio jornalístico, na medida em que enuncia discursos e expressões, como agente que intervém nos processos e episódios, conformando visões de mundo, representações e ideias que podem ser disseminadas e apreendidas pelo meio social. É salutar compreender que “o conhecimento que temos da

realidade é mediado pelos fatos divulgados pela imprensa escrita e radiotelevisiva” (LUCA; MARTINS, 2006, p.10).

De forma geral, podemos estabelecer dois princípios metodológicos com os quais, de forma básica, podemos utilizar o jornal impresso como fonte de pesquisa histórica:

- 1) O primeiro aspecto é a imprensa e o jornal como fontes propriamente ditas, onde é necessária uma apreciação crítica baseada em uma contextualização histórica adequada, fugindo de possíveis anacronismos, atentando também para não se deixar levar pelo prisma puramente ideológico. Se vem discutindo no campo da historiografia conceitos como neutralidade e imparcialidade por parte do pesquisador. E, assim como na construção midiática, se tem aceitado a ideia de que os historiadores, mesmo que busquem o contrário, acabam embasando sua análise em um viés, no mínimo, dotado de intencionalidades. Pode parecer um fato hoje consumado entre os historiadores, mas foi – e ainda é – um ponto de debate acadêmico. Retomando os jornais como objetos de pesquisa, deve-se buscar uma leitura pormenorizada das entrelinhas, as mensagens contidas subliminarmente, visando incutir algo na percepção dos leitores.
- 2) O segundo ponto está vinculado com os imaginários, representações e discursos presentes, ampliando o campo investigativo para os diversos atores envolvidos na feitura de um jornal, na divulgação de um fato e na circulação das informações e pontos de vista. Com isso, objetiva-se decifrar códigos, perceber a manipulação e o comportamento social, motivados pela atuação midiática em seu cotidiano.

Esses pontos elencados anteriormente podem ser transpostos também para o uso da imprensa em sala de aula, conforme demonstraremos mais adiante, ao propormos um *Roteiro de Análise* para os jornais impressos.

Robert Darnton (1996) argumenta que a palavra impressa nos jornais, periódicos e panfletos não apenas registrou os acontecimentos, mas também pode ser vista como um ingrediente, ao participar de forma ativa dentro dos processos e conjunturas. Por isso, em decorrência dessa capacidade de atuação e mediação no meio

social, o olhar do pesquisador deve ser *regulado* em uma ótica de questionamento, de *desconfiança* - assim como para qualquer outra fonte documental –, conforme acentua Jacques Le Goff:

[...] no limite, não existe um documento-verdade. Todo o documento é mentira. Cabe ao historiador não fazer o papel de ingênuo. [...] porque um monumento é em primeiro lugar uma roupagem, uma aparência enganadora, uma montagem. É preciso começar por desmontar, demolir esta montagem, desestruturar esta construção e analisar as condições de produção dos documentos-monumentos (LE GOFF, 1994, p. 548).

Ainda sobre esse ponto nevrálgico da atuação do historiador, Carlos Bacellar afirma que

[...] é preciso conhecer a fundo, ou pelo menos da melhor maneira possível, a história daquela peça documental que se tem em mãos. Sob quais condições aquele documento foi redigido? Com que propósito? Por quem? Essas perguntas são básicas e primárias na pesquisa documental [...] Contextualizar o documento que se coleta é fundamental para o ofício do historiador! (BACELLAR, 2005, p. 63).

Desta forma, a dinâmica do uso das fontes oriundas da imprensa como subsídios qualificados para a investigação e interpretação dos contextos sócio-históricos e culturais dos diferentes grupos humanos tem crescido consideravelmente no meio acadêmico. Mas, na Educação Básica, como isso tem se refletido?

Imprensa e ensino de História: reflexões e possibilidades

Sobre a questão anterior, é possível assegurar que ocorreram mudanças importantes na forma de se abordar e utilizar a pesquisa histórica em sala de aula nos últimos anos. Contudo, é preciso afirmar que esta prática não apenas pode ser ampliada, como tem a necessidade de assim o ser, especialmente em uma realidade global de informação instantânea e de cada vez mais fácil manipulação. Outrossim, tenhamos no horizonte de nossa atuação enquanto pesquisadores e docentes salientando que o ensino de História é imprescindível para a compreensão dos processos socioculturais, políticos e econômicos históricos, assim como para a sua articulação com o atual contexto. Nesse sentido, o ensino de História possui papel relevante na superação da exclusão social, na

construção da cidadania e na emancipação social e política dos sujeitos históricos (FONSECA, 2003, p. 52).

Mesmo na atualidade, ainda encontramos docentes que se restringem apenas ao uso do livro didático, apropriando-se de uma metodologia baseada unicamente na reprodução e apreensão do conteúdo ali disposto. De modo óbvio, é preciso lembrar que os livros didáticos, assim como os jornais, também são imbuídos de intenções em sua concepção. Conforme Circe Bittencourt, eles são

[...] antes de tudo, uma mercadoria, um produto do mundo da edição que obedece à evolução das técnicas de fabricação e comercialização pertencentes à lógica do mercado. Como mercadoria ele sofre interferências variadas em seu processo de fabricação e comercialização. Em sua construção interferem vários personagens, iniciando pela figura do editor, passando pelo autor e pelos técnicos especializados dos processos gráficos, como programadores visuais, ilustradores. É importante destacar o livro didático como objeto da indústria cultural impõe uma forma de leitura organizada por profissionais e não exatamente pelo autor (BITTENCOURT, 2009, p. 71).

Nossa crítica não está centrada, neste artigo, especificamente nos livros didáticos, mas no uso inadequado que se faz dos mesmos, sem estabelecer uma análise mais crítica sobre estes. Concomitante a isso, ocorre o reducionismo do ensino, sem fomentar a criticidade e capacidade reflexiva dos estudantes, atrelando-se a construção do conhecimento com um mecanismo defasado de ensino-aprendizagem. E uma das formas de alterar esse fenômeno ainda enraizado no campo da disciplina histórica, especialmente na Educação Básica, está na utilização de novas fontes e recursos metodológicos, transplantando as inovações do campo da pesquisa acadêmica para a sala de aula. Não obstante, é preciso também diminuir a distância, ainda existente, entre academia e escola, o que constitui-se igualmente em outro grande desafio.

Dentre as fontes que podem ser implementadas nas aulas de História, destacamos os jornais impressos. A escolha de um jornal como instrumento de pesquisa e ensino justifica-se por entender a imprensa fundamentalmente como instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social. A imprensa não deve ser compreendida, apesar do discurso muitas vezes presentes em seus slogans e editoriais, como algo neutro ou imparcial. Ele, tanto no passado quanto no presente, interage, é influenciado e influencia o meio social no qual está inserido. Conforme Tania de Luca,

[...] os jornais não são, no mais das vezes, obras solitárias, mas empreendimentos que reúnem um conjunto de indivíduos, o que os torna projetos coletivos, por agregarem pessoas em torno de ideias, crenças e valores que se pretende difundir a partir da palavra escrita (LUCA, 2005, p.140).

Associando-se a esta afirmativa, devemos perceber que os jornais, por meio dos seus discursos, “produzem estratégias e práticas tendentes a impor autoridade, uma deferência, e mesmo a legitimar escolhas” (CARVALHO, 2005, p.149). E isso ocorre pelo fato de ser “um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder” (LE GOFF, 2010, p.536). Os jornais procuram atrair o público e conquistar seus corações e mentes. Para isso, utilizam de diferentes estratégias, pois, conforme Capelato (1988, p. 15), “a meta é sempre conseguir adeptos para uma causa seja ela empresarial ou política, e os artifícios utilizados para esse fim são múltiplos”.

A partir do que aqui foi exposto, o que podemos considerar mais necessário de ser trabalhando com os alunos em sala de aula, utilizando-se a imprensa? Para elucidar essa questão, partimos de uma constatação de Alexandre Stephanou, de que

[...] a imprensa informa e forma; privilegia, dispõe e relaciona as notícias, elegendo os acontecimentos que merecem destaque e os que serão relegados ao esquecimento. Não registrando apenas o fato ela o cria, na medida em que seleciona o que é e o que não é notícia, seja por critérios jornalísticos, ou por interesses econômicos e políticos (STEPHANOU, 2001, p. 45).

O objetivo maior deve ser o de despertar o senso crítico dos alunos, através de uma leitura mais qualificada e de uma noção mais profunda dos caminhos de produção e difusão de informações. Ou seja, buscar compreender o que *está por trás* de determinada notícia, na forma como ela é escrita, no uso de certa imagem para ilustrar, entre outros detalhes. Um dos grandes problemas relatados pelos docentes, não apenas na Educação Básica, mas também no Ensino Superior, é a falta de uma leitura adequada por parte dos alunos e um certo desinteresse em saber a origem das informações que circulam no cotidiano. Vamos atentar para a segunda questão.

Na atualidade, especialmente nas redes sociais, encontramos as chamadas *fakenews*, notícias falsas – deixando claro que não se trata de um fenômeno recente, pois as mesmas já são encontradas nos jornais impressos e nos meios radiotelevisivos há muito tempo. Mas, com a ampliação do alcance e da velocidade das informações, esse

elemento tem chamado a atenção cada vez mais. Notícias compartilhadas sem uma averiguação de sua procedência ou de sua veracidade se multiplicam cotidianamente. Mas, do ponto de vista didático, esse problema é um dos *links* que podem ser utilizados pelos docentes, especialmente na disciplina de História, para mostrarem como a imprensa e as informações podem ser manipuladas e transmitidas em diferentes épocas de nossa sociedade. Sobre isso, ressalta Tania de Luca:

[...] os periódicos vistos como polos em torno dos quais se reuniam e disciplinavam forças e instrumentos de combate e intervenção no espaço público, oferecem oportunidades privilegiadas para explicitar e dotar de densidade os embates em torno de projetos e questões, longe de se esgotarem em si mesmos, pois dialogam imensamente com os dilemas do tempo. Noutros termos, o índice que se apresenta ao leitor resulta de uma luta que cumpre ao historiador explicar (LUCA, 2007, p. 119).

Para isso, podem ser utilizados tanto jornais antigos quanto recentes. Um modelo prático: utilizando três jornais recentes, de uma mesma empresa de comunicação ou de instituições diferentes, se analisam como cada periódico leva ao leitor determinada notícia, como, por exemplo, as questões políticas nacionais ou das reformas trabalhista e previdenciária pretendidas pelo Governo Federal. Com certeza, serão percebidos elementos semelhantes, assim como diferenças, sejam na forma de escrita do texto, na intensidade com a qual o tema é abordado (o tamanho da reportagem), o destaque que a mesma ganha (se manchete e páginas principais ou apenas uma breve abordagem), entre outros aspectos.

Para auxiliar na condução de uma apreciação crítica dos jornais, elaboramos, como sugestão, um *Roteiro de Análise*, enfocando os seguintes elementos:

- 1) Quem são os responsáveis (grupo mantenedor, editores, conselhos editoriais...);
- 2) Qual o discurso que o jornal faz de si mesmo (que imagem vende);
- 3) Quais são as seções, as partes que formam o jornal e quais destas tem mais ênfase, destaque;
- 4) Detalhes técnicos (fotografias, escrita dos textos, linguagem, diagramação, destaques de capa, manchetes...).

A partir destes tópicos, o professor pode aprofundar a questão, explorando melhor cada um dos elementos norteadores, auxiliando os alunos na compreensão do processo de elaboração, difusão e circularidade nas informações. Com isso, poderão perceber as linguagens e intencionalidades que estão no bojo da construção de uma notícia e na sua divulgação. Ao mesmo tempo, há a oportunidade de se perceber os diferentes meios e métodos interpretativos, como, por exemplo, o que um jornalista e o que um historiador percebem sobre determinado fato. Neste tocante, conforme Marinalva Barbosa,

[...] na verdade, o que aproxima o ofício do jornalista ao trabalho do historiador é o olhar com que deve focar os fatos. Não se procura a verdade dos fatos, mas tão somente interpretar, para, a partir de uma interpretação – onde não se nega a subjetividade de quem a realiza – tentar registrar um instante, no caso do jornalismo, ou recuperar o instante, no caso do historiador (BARBOSA, 1998, p. 87).

E esse exercício pode possibilitar o alargamento do olhar crítico dos envolvidos, não restringindo-se apenas no campo de análise da imprensa, mas percebendo a necessidade de reflexão e de criticidade em relação ao mundo e ao meio social na qual estão inseridos e devem ser agentes ativos e participativos.

Considerações finais

Assim, hoje tal crítica tem dimensões jamais sonhadas pelos historiadores de fins do século XIX; os textos não são tratados apenas em seus conteúdos ou enunciados, mas também mediante métodos linguísticos de análise do discurso, da enunciação, com apoio em alguma teoria das classes e das ideologias sociais. Em outras palavras, procura-se determinar em que condições sócio-históricas a produção do texto pôde ocorrer (CARDOSO, 1986, p.54).

Constitui um dos grandes desafios da educação e, de modo especial, na disciplina histórica, a contribuição para uma consciência mais crítica, vinculada com o exercício da cidadania de forma mais plena e ativa. Para isso, além da luta cotidiana pelo reconhecimento do espaço merecido e necessário para o campo da História – e das Ciências Humanas e Sociais –, se faz importante uma reflexão constante sobre a prática docente e os métodos utilizados no processo de ensino-aprendizagem. Docentes e estudantes, principais agentes envolvidos nesse mecanismo, devem estar bem

preparados para os tempos atuais, de emergência tecnológica e da difusão de informações e ideias, mas de instabilidades no campo social e educacional. Esse é um tema complexo, de constante debate e que exige ações práticas salutares.

Enfocando esse panorama, buscamos neste artigo trazer algumas reflexões teóricas, conceituais e metodológicas sobre o campo da imprensa, objetivando nosso foco de estudo sobre o meio impresso. Contextualizando a utilização desta fonte no escopo da pesquisa historiográfica, procuramos lançar luzes sobre sua utilização no âmbito do ensino escolar, apontando, didaticamente, algumas possibilidades de questionamentos e interpretações críticas, almejando vislumbrar os aspectos inerentes e subjetivos contidos na produção e difusão dessa ferramenta midiática.

Não obstante, temos consciência de que o exposto nesse artigo decorre de uma perspectiva que deve ser aprofundada. De todo modo, acreditamos que lançamos questões e possibilidades, que podem ser utilizadas, especialmente pelos professores da Educação Básica, visando sua instrumentalização diante de renovadas possibilidades de ensino e uso de fontes diversificadas, fugindo de uma prática enfadonha e desconectada com a amplitude dos processos sociais, fortemente presentes nas construções midiáticas, tanto no passado quanto na contemporaneidade.

Referências

- ALVES, Fábio Lopes, GUARNIERI, Ivanor Luiz. A utilização da imprensa escrita para a escrita da História: diálogos contemporâneos. **Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo, Brasília**: vol.1, nº 2, p. 30-53, ago./nov. 2007.
- BACELLAR, Carlos. Uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.
- BARBOSA, Marinalva. **História cultural da imprensa**: Brasil, 1900-2000. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- _____. Jornalismo e História: um olhar e duas temporalidades. In: NEVES, Lúcia Maria Bastos das; MOREL, Marcos (Orgs.). **História e Imprensa**: homenagem a Barbosa Lima Sobrinho – 100 anos. Anais do Colóquio. Rio de Janeiro: UERJ, 1998.
- BARBOSA, Ruy. **A imprensa e o dever da verdade**. Rio de Janeiro: Simões, 1957.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.
- BITTENCOURT, Circe. **Livros didáticos entre textos e imagens**. O saber histórico na sala de aula. São Paulo: Contexto, 2009.

BURKE, Peter. **A escrita da História**: novas perspectivas. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

CAPELATO, Maria Helena. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

_____. PRADO, Maria L. **O Bravo Matutino**. São Paulo: Editora Alfa-Romeu, 1980.

CARDOSO, Ciro Flamarion S. **Uma introdução à História**. 5º Ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

_____, VAINFAS, Ronaldo. História e Análise de Textos. In: CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Domínios da história**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 375-399.

CARVALHO, Francismar Lopes de. O conceito de Representações Coletivas segundo Roger Chartier. **Diálogos**, DHI/PPH/UEM, v. 9, n. 1, p. 143-165, 2005.

CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, Jean. et al. **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis, Vozes, 2008.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre práticas e representações**. Col. Memória e sociedade. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. **Projeto História**, São Paulo, PUC, nº 35, pp. 253-270.

DARNTON, Robert; ROCHE, Daniel (orgs.). **Revolução Impressa**: A imprensa na França, 1775-1800. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1996.

ELMIR, Cláudio Pereira. As armadilhas do jornal: algumas considerações metodológicas de seu uso para a pesquisa histórica. **Cadernos do PPG em História da UFRGS**. Porto Alegre, n. 13, Dez. 1995.

FARIA, Maria Alice. **Como usar o jornal na sala de aula**. SP: Contexto, 2009.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de História**. Campinas: Papyrus, 2003.

FRANCO, Maria P. B. **Análise de conteúdo**. 2. ed. Brasília: Líber Livro, 2005.

GAIO, R.; CARVALHO, R.B.; SIMÕES, R. Métodos e técnicas de pesquisa: a metodologia em questão. In: GAIO, R. (org.). **Metodologia de pesquisa e produção de conhecimento**. Petrópolis, Vozes, 2008.

HELDER, R. R. **Como fazer análise documental**. Porto, Universidade de Algarve, 2006.

LE GOFF, Jacques. “Documento/Monumento”. In: **História e Memória**. 5º ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

LUCA, Tania Regina de; MARTINS, Ana Luiza. **Imprensa e cidade**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

_____. A história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. 2º ed. São Paulo: Contexto, 2010.

MOARES, Roque. **Pesquisa em sala de aula: tendências para a educação dos novos tempos**. Porto Alegre: EDIPUC, 2004.

RÜDIGER, Francisco Ricardo. **Tendências do jornalismo**. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1993.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. Verbetes “Indústria cultural”. In: _____. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 225-230.

STEPHANOU, Alexandre Ayub. **Censura no Regime Militar e militarização das artes**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

ZICMAN, Renée Barata. **História através da imprensa: algumas considerações metodológicas**. Projeto História. São Paulo, n. 4, jun. 1985.